

Emoção editorializada como estratégia narrativa no telejornalismo¹

Cláudia THOMÉ²

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Marco Aurelio REIS³

SEE-MG / PPGCOM/UFJF, Juiz de Fora, MG

RESUMO

O artigo traz resultados de pesquisa⁴ sobre a subjetivação no telejornalismo contemporâneo, a partir de estratégias narrativas de autenticação, em uma reorganização discursiva que atravessa a atuação do jornalista como narrador dos fatos cotidianos e o reposiciona como aquele que pode também contar sua experiência, valorizando o vínculo emocional e a narrativa de si. Busca-se entender tal guinada subjetiva no telejornalismo, com uso da emoção e do testemunho como estratégias narrativas para gerar laços com a audiência, no contexto da Sociedade 5.0, a partir da Metodologia de Estudo de Caso (YIN, 2001). Pode-se concluir que a subjetivação acontece de diferentes formas, entre elas pelo viés de uma emoção editorializada, considerando a atual tendência de criação de vínculos emocionais com o noticiário (BECKER, GÓES, 2019).

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; emoção; estratégias narrativas; subjetivação; Sociedade 5.0.

1- Introdução

A almejada objetividade jornalística tem quase 200 anos, pouco tempo se for levado em consideração que o primeiro jornal a que se tem notícias tem mais de 2 mil

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora permanente do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Jornalista, mestre em Comunicação e Cultura, doutora em Ciência da Literatura, com Pós-doutorado em Comunicação e Cultura pelo PPGCOM/UFJF. Líder do Grupo de Pesquisa CNPq Narrativas midiáticas e dialogias (Namidia). E-mail: cthomereis@gmail.com

³ Professor permanente do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora e professor efetivo da Secretaria Estadual de Educação de MG. Jornalista, mestre e doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. Vice-líder do Grupo de Pesquisa CNPq Narrativas midiáticas e dialogias (Namidia). E-mail: marco.aurelio.reis@educacao.mg.gov.br

⁴ O artigo traz resultados da pesquisa “Estratégias narrativas no telejornalismo: estudo da subjetivação, da emoção e do testemunho no noticiário audiovisual”, desenvolvida no Pós-doutorado do PPGCOM/UFJF, com supervisão da Prof^a Dr^a Beatriz Becker, e também da pesquisa “Novas funções e competências no jornalismo”, desenvolvida no grupo “Narrativas midiáticas e dialogias”, no PPGCOM/UFJF.

anos (NEWTON, 2010, p. 1-35). Ocorre que, nas últimas duas décadas, leitores, ouvintes e telespectadores vêm percebendo uma guinada subjetiva no jornalismo, que vem se acentuando ao longo deste milênio, notadamente nos últimos cinco anos. De maneira geral, acredita-se que “a objetividade é uma atitude imparcial que alcança as coisas tais como são verdadeiramente, enquanto a subjetividade é uma atitude parcial, pessoal, ditada por sentimentos” (CHAUÍ, 2010, p. 7).

No jornalismo essa objetividade, que hoje começa a ser deixada em segundo plano, viria com os jornais populares a preços baixos, os chamados penny press (TRAQUINA, 2005, p. 50), que indicariam a partir da década de 1830 nos Estados Unidos uma modernização da imprensa, assimilada pelo rádio no fim daquele século e posteriormente pela TV. No Brasil, o radiojornal Repórter Esso (KLÖKNER, 2008, 23-24) que foi ao ar pela primeira vez em 1941 e o deslizamento dele e de seu estilo objetivo para TV (RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO, 2010, p. 114) em 1952 são um marco dessa fórmula para o jornalismo nos meios eletrônicos, defendida em redações e manuais consagrados no meio profissional (PATERNOSTRO, 1999, p. 85).

Essa pretensa objetividade no jornalismo carrega, portanto, o pressuposto de distanciamento, de não-envolvimento pessoal com o fato a ser reportado, configurando uma “dessubjetivação” do real, em que se apaga marcas de enunciação, como se os fatos falassem por si só, tendo a impessoalidade como regra e a objetividade como parte de um “ritual estratégico” (TUCHMAN, 1999). Esse apagamento das marcas de enunciação já foi garantia de credibilidade jornalística, posicionando os jornalistas como observadores acreditáveis do mundo (ZELIZER, 1992), elementos “neutros” (BARTHES, 2003) no cenário complexo da sociedade moderna.

O presente trabalho propõe-se a apresentar resultados de pesquisas sobre as estratégias narrativas e as novas funções e competências demandadas das equipes no telejornalismo contemporâneo, considerando as reconfigurações do jornalismo audiovisual (BECKER, 2021), com foco nos elementos narrativos de subjetivação (MOTTA, 2007), sobretudo na articulação do noticiário com experiências pessoais de jornalistas. Cabe pontuar que o termo “subjetividade”, com o sentido atual, foi usado pela primeira vez apenas a partir do século XVIII (CHAUÍ, 2010, p. 262), período também conhecido como “século das luzes”, da Revolução Francesa e da Inconfidência Mineira. O homem e seus ideais como centro.

Natural, portanto, que neste início de século, marcado pela Sociedade 5,0 (DEGUCHI ET AL., 2018), que tem o humano como pilar fundamental, a subjetividade no jornalismo seja vista com bons olhos nas crônicas audiovisuais, no uso da primeira pessoa nas bancadas dos telejornais, nos comentários e interpretação de notícias e até mesmo nas reportagens.

Importa destacar que, no âmbito do jornalismo, a autoria se manifesta de diferentes maneiras. Textos opinativos, por exemplo, são visivelmente autorais. Mas não é do exercício dedicado a atribuir juízo de valor a temas e acontecimentos que estamos falando. É, sim, de um “jornalismo com impressões digitais”, como diz Rogério Christofoletti (2004: 264), que compreende “os narradores como sujeitos do processo, em conjunto com sujeitos do público, destinatários da informação”. Isto é levar em conta que, além do estilo “estrutural”, certas formas também têm um estilo “pessoal”. (ASSIS, 2016, p. 92)

Importante frisar, no entanto, que tais características que evidenciam um estilo autoral (ASSIS, 2016) foram próprias dos gêneros opinativo e diversional, seguindo a classificação de Marques de Melo (MARQUES DE MELO; ASSIS, 2016). O que chama a atenção nessa guinada é a presença de tais elementos de subjetivação no gênero informativo.

2 - Sociedade 5.0 como cenário da nova guinada subjetiva no jornalismo

Nos últimos cinco anos, pesquisadores estão debatendo em torno de uma reconfiguração social planetária denominada Sociedade 5.0 (DEGUCHI ET AL., 2018). Termo oriundo da cronologia segundo a qual o 5.0 apresenta-se na sequência de sociedades anteriores, sendo 1.0 a nômade, 2.0 a agrária e sedentária, a 3.0 industrial e a 4.0 tecnológica-informacional. A Sociedade 5.0 traz o humano como centro das preocupações, tendo como sustentação os conceitos-chave: qualidade de vida humana, inclusão social, sustentabilidade, fusão harmônica do ciberespaço com o espaço físico, conhecimento intensivo e orientação por dados (DEGUCHI ET AL., 2018). O biênio 2016/2017 é um marco nesses estudos uma vez que foi nesse período, após meses de estudos avançados, que o governo japonês lançou um conjunto de estratégias para encarar o que se apresenta como Sociedade 5.0.

Nos anos que se seguiram, setores econômicos, sobretudo industriais, e sociais, em especial educacionais, se debruçaram nos pilares do que se entende como Sociedade

5.0 para compreender a configuração societária em andamento, impactada pela COVID-19, o necessário isolamento social e o abismo que se apresentou entre grupos humanos hiperconectados e aqueles marcados pela exclusão e por equipamentos obsoletos no que diz respeito à sociedade em rede (CASTELLS, 1999).

Em uma sociedade centrada nas pessoas, questões individuais e coletivas estão em pé de igualdade, e o conjunto se volta para o equilíbrio do “avanço econômico com a resolução de problemas sociais (de modo a) garantir que todos os cidadãos possam levar uma vida de alta qualidade, cheia de conforto e vitalidade” (DEGUCHI ET AL., 2018, p. 4). Tomando como base o exemplo dado pelos autores referenciais da Sociedade 5.0, é partir de uma situação social pouco complexa como a de refrigerar um ambiente para outras bem mais elaboradas.

Segundo esse exemplo, se uma pessoa que vive sozinha em um apartamento de um quarto tem liberdade para definir as configurações de temperatura do seu ar condicionado, mas caso divida o espaço com outras pessoas, todas podem ter preferências pessoais para temperatura. Então, como garantir que todos estejam felizes e confortáveis? Por meio de pesquisa, votação, debate ou alguém será escolhido para tomar a decisão? Já não é tão simples assim, não é? No entanto, esse tipo de cenário é mais fácil de terminar. Em cenários sociais mais complexos, explicitam os autores, será necessário considerar o bem-estar de inúmeras pessoas e usar uma variedade “estonteante de escalas e métricas” para isso. (DEGUCHI ET AL., 2018, p. 5)

Será necessário, entende-se a partir do exemplo, que indivíduos tenham que se posicionar e negociar uma configuração que parta de um para o bem-estar de todos, algo subjetivo. O dilema cuja solução seja capaz de equilibrar o avanço econômico com o enfrentamento de problemas sociais emergentes, tais como o racismo, a xenofobia, a homofobia e os obstáculos para inclusão e para uma vida com qualidade e sustentável, entre outros pontos sensíveis. Natural que o telejornalismo contemporâneo reflita esse dilema e, diante de seu papel social, introduza em suas pautas, espelhos e falas improvisadas posicionamentos em relação às questões sociais emergentes no presente momento.

3 - Guinada subjetiva no telejornalismo

A subjetivação no noticiário se intensifica na pandemia da Covid-19, mas já vinha ocorrendo anteriormente, na trilha das mudanças advindas da digitalização dos meios e também de um contexto mais amplo, social e cultural, compatível com o que Gerke e Barbosa denominam de “era de valorização de testemunhos” (GERKE, BARBOSA, 2018). As experiências individuais ganham centralidade em diferentes campos culturais, o que se observa no estudo das narrativas contemporâneas. Vera Follain de Figueiredo também sinaliza uma transposição significativa de um realismo da representação para um “realismo de base testemunhal”.

(...) a vertente de realismo que se tornou predominante, hoje, caracteriza-se por valorizar o envolvimento do narrador com o fato narrado, isto é, a falta de distanciamento e a intimidade da abordagem, que são tomadas como prova de sinceridade – o que permitiria ao leitor ou espectador aproximar-se das verdades particulares, parciais. (FIGUEIREDO, 2010, p. 74)

O estudo das narrativas, tanto na literatura quanto no jornalismo, suscita uma tensão permanente entre objetividade e subjetividade. O relato isento do fato acontecido já é visto hoje como inalcançável, fruto do mito da objetividade, até mesmo nas reportagens e documentários que se propunham a esta missão, de mostrar a vida como ela é, de mergulhar no realismo e fazer um relato fiel. A partir disso, os elementos narrativos de subjetivação (MOTTA, 2007) no noticiário podem gerar um efeito de veracidade, em que os jornalistas são apresentados como “agentes comprobatórios do que contam” (PICCININ, SIGORIA, 2016, p. 210).

O contexto apontado pelos teóricos traz, portanto, o cenário de uma reorganização discursiva do jornalismo na contemporaneidade, que vem sendo montado muito antes da pandemia, e que é “atravessado pelos efeitos da convergência midiática, pelas novas possibilidades de produção e consumo de conteúdo na web e pela necessidade de se contrapor a uma descrença geral nas instituições” (THOMÉ, 2021).



A pesquisa evidenciou que tal contexto dialoga com o que está sendo conceituado como Sociedade 5.0, sobretudo a partir da valorização da história individual, dos micro relatos, da busca por temáticas afirmativas, da permissão para evidenciar estilo autoral e da adoção de estratégias sensíveis em unidades informativas, fora dos quadros opinativos ou cronísticos.


O telejornalismo já vinha construindo, antes da pandemia, “um novo tipo de relação com a audiência, um contato mais humanizado, que extrapola a tela da TV e ganha o espaço das novas telas da internet” (MUSSE; THOMÉ, 2016, p. 17). Tal humanização se acentuou no momento de isolamento social e risco de morte. Em pesquisa sobre as reconfigurações do jornalismo audiovisual na pandemia, Becker (2021, p. 13) afirma que “a personalização e a emocionalização das notícias geram empatia e identificação com o sofrimento do outro”.

Assim, sobretudo a partir da pandemia, os telejornais intensificaram estratégias editoriais de aproximação e empatia, em campanhas institucionais, nas apresentações dos âncoras, em reportagens e em entradas ao vivo. Como afirmam Coutinho e Pereira (2020, p. 270), “os novos modos de fazer e representar permitem que a dor de repórteres e editores agora esteja presente no (tele)jornal”. Tal dor vem no testemunho pessoal de forma permitida, em uma emoção consentida, sobretudo nas entradas ao vivo dos repórteres. Mas houve também uma emoção editorializada, prevista no roteiro, entre a dor individual e a tragédia coletiva, articulando o testemunho e o noticiário.

Tabela 1 – Emoção no telejornalismo: situações diversas

Data	Descrição	Tipologia	Frame, link e trecho
------	-----------	-----------	----------------------

<p>07/08/2020</p>	<p>Fábio William se emociona ao falar do Dia dos Pais no DFTV1, no encerramento do telejornal</p>	<p>Emoção editorializada</p>	 <p>https://globoplay.globo.com/v/8760114/</p> <p>“(...) É assim que eu aprendi e aprendo com meu pai, e tento repetir aos meus filhos a mesma coisa. Se eles gostam, sinceramente, eu não sei, talvez até não, mas no final de tudo, no futuro, me desculpe, eu quero que eles olhem para trás e sintam o que eu sinto. Eu tenho um pai. No domingo mande uma mensagem, um telefonema, uma oração para o seu, ele vai gostar, aonde quer que ele esteja. Mesmo que ele não possa ouvir, ele há de sentir. Me desculpem e fiquem em paz”.</p>
<p>29/06/2021</p>	<p>Alan Severiano fala da própria vacina no Jornal Nacional</p>	<p>Testemunho roteirizado</p>	 <p>https://globoplay.globo.com/jornal-nacional/p/819/data/29-06-2021/</p> <p>“Em 24 horas, 1 milhão 165 mil 441 pessoas tomamos a primeira dose. O verbo é esse mesmo. Tomamos! Porque eu entrei hoje nesse grupo. Vim até com gravata verde para simbolizar esse momento de</p>

			esperança (...). Devo dizer aqui, confessar, que não dormi nada hoje tamanha era a ansiedade para virar essa página do medo, né, me proteger, e proteger as pessoas. Acho que essa é a sensação de muita gente”.
20/12/2020	Pedro Neville, em participação ao vivo na Globonews, noticiava a morte da atriz Nicette Bruno, quando resolveu falar também da morte de sua mãe por Covid-19	Emoção e testemunho permitidos, sem roteiro	 <p>https://youtu.be/GGrQNPzk0UA</p> <p>“Há quase dois meses a minha mãezinha também se foi por conta da Covid-19. Estou falando contigo porque você é minha amiga, tem o mesmo nome da minha mãe, Lilian. Ela ficou mais ou menos um mês internada (...)”</p>

Fonte: Tabela elaborada pelos autores com trechos dos telejornais citados

A pesquisa identificou que a subjetivação não ocorre de uma só maneira, mas em diferentes formatos audiovisuais e em situações diversas, operando com emocionalização e editorialização, em conteúdos noticiosos, sendo possível identificar, por exemplo, momentos em que há uma emoção editorializada, outros em que ela é permitida, mas não obrigatoriamente prevista. Foi relevante detectar ainda as temáticas de mortes e tragédias como mais recorrentes para essa emoção permitida, e a relação de tais estratégias também com a defesa dos direitos humanos, muitas vezes voltada para ações afirmativas no telejornalismo.

4 - Considerações finais

Ao discutir os filmes documentários, Fernão Pessoa Ramos (2005) aborda três tipos de éticas que mais aproximam esse gênero do cinema ao jornalismo audiovisual: uma com missão educativa, outra pautada por uma ética do recuo, em que o documentarista assume o papel de observador distante e emprega o princípio da pouca (ou nenhuma) intervenção na cena filmada, e o terceiro, mais próximo da subjetividade hoje identificada no telejornalismo, a ética participativo-reflexiva. Neste último tipo, o documentarista assume claramente o papel na cena, enfatizando a necessidade de integrar-se com o ambiente em que o filme foi rodado. Olhando por esse aspecto, notamos que a produção documental participativa fala diretamente com as narrativas testemunhais, encontradas nos telejornais humanizados identificados no presente estudo

Ou seja, o que se percebe é que a emoção presente na ética participativo-reflexiva, quando deslizada para o telejornalismo, faz transbordar para as reportagens elementos dos formatos leves como os encontrado na crônica audiovisual, a chamada videoteratura (REIS, THOMÉ, 2017). Assim, os “critérios de cronicabilidade audiovisual” (THOMÉ, REIS, 2020), identificados em pesquisas anteriores, como o cotidiano pitoresco, o BG como elemento narrativo, o repórter/cronista como narrador incluso e a dialogia com o espectador, além de uma centralidade da imagem cotidiana, aquela que remete ao que Candido (1992) chamou de “ao rés do chão” migram para o noticiário, garantindo elemento humanizado no telejornal.

Nestes casos, a linguagem traz a evidência da mediação e pode abarcar uma atorização dos repórteres (PICCININ, SOSTER, 2012), com atuação expandida para as redes sociais, em estratégia de subjetivação. Não se trata, no entanto, de um fenômeno inaugurado com a mídia social digital. Novas formas de narrar no jornalismo audiovisual foram inauguradas a cada momento, em permanente diálogo com o contexto social e cultural, e com o que se pressupõe como autêntico nas narrativas que buscam contar o pretense real, um olhar que precisa levar em conta que a intertextualidade se faz presente na televisão ao longos desses 70 anos.

Assim, a emoção editorializada no telejornal encontra similares na mídia impressa e no rádio, mas ganha formas especiais por seu suporte audiovisual. Uma lágrima, uma voz embargada com pigarro, um silêncio ou a construção de um texto poético por imagens

são elementos que, como citados no presente trabalho, atuam como elementos de subjetivação e de aproximação da audiência com o telejornal, em evidente diálogo com os rumos da Sociedade 5.0 e como estratégia do telejornalismo diante dos desafios e ditames dessa nova configuração social.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Francisco. O 'ser autor' na prática do jornalismo diversional. **Alceu** (PUCRJ), v. 16, 2016.
- BARTHES, Roland. **O Neutro – Anotações de aula e seminários ministrados no Collège de France, 1977-1978**. Texto estabelecido, anotado e apresentado por Thomas Clerc. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BECKER, Beatriz; GÓES, Francisco. FAKE NEWS: uma definição possível entre a reflexão crítica e a experiência jornalística. **Revista Latino-americana de Jornalismo** (UFPB), v. 7, p. 34-53, 2019
- BECKER, B. Reconfigurações do Jornalismo Audiovisual: um estudo da cobertura do Fantástico sobre a Pandemia da Covid-19. **Revista Lumina** (UFJF), v. 15, n. 3, p.6- p.22, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/35300/23823>. Acesso em: 12 jun. 2021.
- CANDIDO, Antonio. **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2010.
- COUTINHO, Iluska, PEREIRA, Ariane. A dor da gente agora sai no jornal – O discurso de poder na dramaturgia do telejornalismo. In: EMERIM, Cárilda; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska. (Orgs.). **Telejornalismo 70 anos: o sentido das e nas telas**. Florianópolis: Insular, 2020, v. 9, p. 251-271
- COUTINHO, I.; MATA, J. A atuação do repórter na cobertura televisiva de tragédias: o olhar do Jornalista como testemunha do fato que enuncia. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, 2013, v. 10, n. 2, p. 379-398.
- DEGUCHI, Atsushi; HIRAI, Chiaki; MATSUOKA, Hideyuki; NAKANO, Taku; OSHIMA, Kohei, TAI, Mitsuharu, and TANI, Shigeyuki. “What Is Society 5.0?” In **Society 5.0: A People-Centric Super-Smart Society**, 1–24. Bunkyo-ku, Tokyo: Springer Open, 2018
- FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain. **Narrativas migrantes: literatura, roteiro e cinema**. Rio de Janeiro: PUC-Rio: 7 Letras, 2010.

GERK, Cristine; BARBOSA, Marialva. Jornalismo na era dos testemunhos: remediação, reconfiguração ou permanências históricas? **Interin** (UTP), v. 23, p. 127-145, 2018.

KLÖCKNER, Luciano. **O Repórter Esso**. Porto Alegre: AGE/Edipucrs, 2008

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 39, n. 1, p. 39-56, 2016.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise pragmática da narrativa jornalística**. In.: LAGO, C.; BENETTI, M. (Orgs.). Metodologia de Pesquisa em Jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2007

MUSSE, Christina; THOMÉ, Cláudia. Telejornalismo e redes sociais: as narrativas do “eu” e a customização da notícia no “GloboNews em Pauta”. In: **Anais do Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, Palhoça: SBPJor, 2016.

NEWTON, E. (ed.). News History Gazette. Extra! The History of News. Arlington (EUA), **TheFreedom Forum Newseum**, v.1, n.1, p. 1-35,1997.

PATERNOSTRO, Vera Iris. **O texto na TV: Manual do Telejornalismo**. São Paulo: Campus, 1999.

PICCININ, Fabiana; SIGORIA, Fabiana. Da Mediação ao protagonismo - Notas sobre a atorialidade nas narrativas autorreferenciais do Jornal Nacional. In Cingolani, Gastón; Beatriz E. Sznajder. **Nuevas mediatizaciones, nuevos públicos: cambios en las prácticas sociales a partir de las transformaciones del arte y los medios en la red**. Rosario: UNR Editora, 2016.

PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo. Da anatomia do telejornal midiaticado: metamorfoses e narrativas múltiplas. **Brazilian Journalism Research**, São Paulo, v. 8, n. 2, p.118-134, 2012

RAMOS, Fernão Pessoa. A cicatriz da tomada: documentário, ética e imagem intensa. In: **Teoria contemporânea do cinema** - volume II. São Paulo: Editora Senac São.Paulo, 2005. pp.159-227.

REIS, Marco Aurélio; THOMÉ, Cláudia Albuquerque. ‘Videoteratura’ Uma proposta de análise do cronismo na televisão. Linguagens - **Revista de Letras, Artes e Comunicação** ISSN 1981-9943 Blumenau, v. 11, n. 3, p. 564-585, set./dez. 2017

RIBEIRO, Ana Paula Goulart;SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco. **História da televisão no Brasil – do início aos dias de hoje**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 109-135.

THOMÉ, Cláudia. Emoção e testemunho no Jornal Nacional: estratégias narrativas no mês das 500 mil mortes pela Covid-19. In: **Anais do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Recife-PE: Intercom, 2021. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt1-te/claudia-thome.pdf>. Acesso em: 10 jun 2022

THOMÉ, Cláudia; REIS, Marco Aurelio. Videoteratura como estratégia do telejornalismo: um olhar epistemológico sobre produtos das emissoras TV Globo e Globonews. In: MAIA, Marta; PASSOS, Mateus Yuri (Orgs). **Narrativas midiáticas contemporâneas: epistemologias dissidentes**, Santa Cruz do Sul: Catarse, 2020.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo I**. Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. 2.ed. Lisboa: Vega, 1999

YIN, Robert K. **Estudo de caso – planejamento e métodos**. (2Ed.). Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZELIZER, B. **Covering the Body: the Kennedy assassination, the media and the shaping of collective memory**. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.